

Análise de aspectos morfológicos da Libras e sua aplicabilidade na escrita da língua de sinais através do sistema *Signwriting*

Analysis of morphological aspects from Libras and its applicability in the writing of sign language through the Signwriting system

Victor Hugo Lima Nazário¹
Ana Carolina Ferreira Barros²

Resumo: Este artigo objetiva verificar como o sistema de escrita de sinais *Signwriting*, a partir do seu caráter descritivo e possibilidade de detalhamento da combinação de parâmetros, auxilia em uma melhor compreensão grafo-visual de aspectos morfofonológicos da estrutura e formação de sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Analisaremos três aspectos morfológicos presentes nos processos de formação de sinais da Libras, sendo, respectivamente, a incorporação numérica, a reduplicação e a composição, e os aplicaremos à escrita de sinais. Optamos por realizar uma abordagem qualitativa utilizando-nos da pesquisa bibliográfica. Embasamo-nos principalmente nas publicações de Barreto (2015), Capovilla (2015), Quadros e Karnopp (2004), Stumpf (2005) e Sutton (2009). Também nos utilizamos de um programa *online* de edição de escrita de sinais, o *Signpuddle*, para a elaboração dos sinais analisados nesta proposta, bem como do sistema de transcrição proposto por Felipe e Monteiro (2007), para efeitos de simplificação. Ressaltamos que ao aplicar os aspectos aqui abordados ao *Signwriting* podemos fazer com que a leitura dos sinais analisados neste trabalho se torne mais clara, pois publicações que apresentam glosas e/ou ilustrações/desenhos não são de fácil entendimento àqueles que não sabem Libras.

Palavras-chave: Aspectos morfológicos; formação de sinais da Libras; *SignWriting*.

Abstract: This article aims to verify how the *Signwriting* system, from its descriptive character and possibility of detailing the combination of parameters, helps a better graphical-visual understanding of morphophonological aspects of the structure and formation of signs in Brazilian Sign Language. It is intended to analyze three morphological aspects present in the sign formation processes from Libras, being, respectively, numerical incorporation, reduplication and composition, and to apply such processes to *Signwriting*. For this, we decided to carry out a qualitative approach using bibliographic research. The research was based mainly on publications made by Barreto (2015), Capovilla (2015), Quadros and Karnopp (2004), Stumpf (2005) and Sutton (2009). We also used an online sign writing editing program, *Signpuddle*, to prepare the signs analyzed in this proposal, as well as the transcription system proposed by Felipe and Monteiro (2007), for the purpose of simplification. We also emphasize

¹ Tradutor e Intérprete de Libras no Curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre. Graduando em Letras/Libras – Universidade Federal do Acre – UFAC. Pós-graduado em Tradução e Interpretação da Libras – FASA/AC. Pós-graduado em Educação de Surdos/ Libras – FASA/AC. Graduado em Letras/Espanhol – Universidade Federal do Acre – UFAC. Graduado em Letras/Inglês – Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: hugo.nazario@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0359-1056>

² Tradutora e Intérprete de Libras no Curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre. Mestranda em Ciências da Educação – FACSIDRO/MS. Graduada em Letras Libras – Universidade Federal do Acre – UFAC; Especialista em Tradução e Interpretação de Libras/ Português – FASA/AC; Especialista em Educação de Surdos/ Libras – FASA/AC, 2016. Graduada em Pedagogia – Faculdade Sinal. E-mail: professoracarolina@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9724-5156>

that by applying the aspects addressed here to the *Signwriting* system, we can make the reading of the signs analyzed in this work become clearer, since publications with glosses and/or illustrations/drawings are not easy to understand for those who do not know Libras.

Keywords: Morphological aspects; formation of Libras signals; SignWriting.

Introdução

O presente artigo objetiva expor em que medida o sistema *Signwriting*, a partir do seu caráter descritivo e possibilidade de detalhamento da combinação de parâmetros, ajuda na compreensão de aspectos morfofonológicos da estrutura e formação de sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras), a partir de uma análise bibliográfica dos aspectos morfológicos da Libras e observando sua aplicabilidade na escrita da língua de sinais por meio do sistema *SignWriting*.

Para isso, inicialmente, contextualizamos o sistema *Signwriting*, discutindo sua natureza, história e função na sociedade. O objetivo aqui será verificar como são marcadas todas as informações fonético-fonológicas e morfológicas, apresentando e comparando conceitos relativos a aspectos morfofonológicos entre Português e Libras.

Ainda nesta perspectiva, nos centramos nos estudos morfológicos referentes à incorporação numérica, à repetição e ao processo de composição em Libras, a partir do sistema *Signwriting*, de modo a evidenciar a visualidade estrutural da língua. Para isso, fizemos uma revisão de materiais bibliográficos e nos utilizamos de um programa online de edição de sinais escritos, o *Signpuddle*, bem como fizemos uso do sistema de transcrição proposto por Felipe e Monteiro (2007), para efeitos de simplificação e melhor compreensão por parte do leitor.

Para análise, consideramos cada um dos parâmetros que compõem os sinais da Libras separadamente – configuração de mãos, movimento, locação, orientação e expressão não-manual – em relação aos grafemas que lhes representam. Observado o modo como esses elementos se associam, aplicamos o processo de comutação (permuta dos morfemas a serem trabalhados), com o intuito de tentar perceber como o *Signwriting* torna esse registro imageticamente visível, ajudando, pois, na compreensão de aspectos morfofonológicos da estrutura e formação de sinais da Língua Brasileira de Sinais.

Acreditamos ainda que esta pesquisa seja importante para os estudos do campo morfológico da Libras através de sua aplicabilidade à escrita de sinais pelo

sistema *Signwriting*, pois tal sistema “possibilita fazer registros diretamente na língua de sinais, facilitando a memorização de sinais e a compreensão dos parâmetros fonético-fonológicos que constituem cada sinal” (BARRETO, 2015, p. 356). A escrita de sinais beneficia principalmente os surdos, pois ela transcreve as articulações e movimentos das mãos na sinalização que ele usa para pensar e comunicar-se em sinais. Logo,

Quando o surdo escreve seu pensamento na língua em que se dá o pensar, este fica mais claro, preciso e formalizado. Os benefícios desse sistema de escrita estão relacionados à herança cultural das línguas de sinais e ao desenvolvimento linguístico e cognitivo do surdo, que advêm quando a criança surda aprende a ler e escrever em sinais na mesma época em que a criança ouvinte aprende a ler e escrever alfabeticamente. (CAPOVILLA e SUTTON, 2006, *s/p apud* CAPOVILLA, 2015, p. 46).

Assim, tal investigação nos permitiu apontar as contribuições do sistema *Signwriting* para as análises morfológicas da Libras, partindo dos aspectos aqui abordados.

Diferença entre Fonologia e Morfologia

Para que possamos compreender melhor a análise aqui proposta, é necessário, primeiramente, que saibamos a diferença entre Fonologia e Morfologia, em relação às línguas de sinais. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua natural de modalidade espaço-visual, isto implica dizer que as informações são recebidas pelos olhos e produzidas através das mãos, conforme os estudos de Karnopp (1999). Apesar de sua natureza, às línguas de sinais também é empregado o termo Fonologia nos estudos dos elementos básicos de seus constituintes. A Fonologia é um ramo da Linguística que tem por objetivo a identificação estrutural e organizacional dos constituintes fonológicos das línguas, além de propor descrições e explicações.

Stokoe (1960), linguista norte-americano, foi o primeiro a analisar a Língua de Sinais Americana (ASL) e destacou três constituintes/parâmetros básicos da formação de sinais: a configuração de mão (CM), a locação (L) e o movimento (M). Posteriormente, Battison (1974) incluiu às análises de Stokoe outros dois parâmetros:

a orientação da palma da mão (Or) e as expressões não-manuais (ENM). Vejamos a seguir as definições sobre estes cinco parâmetros.

Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995) definem os cinco parâmetros da Libras. As autoras afirmam que a configuração de mão se refere à forma que a mão assume durante a produção de um sinal, podendo permanecer a mesma ou mudar ao longo de sua produção. O movimento pode apresentar várias formas e direções, desde movimentos internos das mãos ou pulsos a direcionamentos no espaço, podendo estes serem unidirecionais, bidirecionais, ou ainda, multidirecionais. Em relação à locação, esta pode ser definida como a área onde um sinal é articulado, sendo essa área uma parte do corpo ou mesmo o espaço neutro à frente dele. A orientação da palma da mão é a direção para onde ela é apontada durante a execução de um sinal. Ferreira-Brito (1995) salienta que a Libras possui seis direções de palma da mão: para frente, para trás, para cima, para baixo, para direita e para a esquerda. Por fim, as expressões não-manuais correspondem as construções de significado dos sinais, indicando afirmações, negações, exclamações, interrogações ou traços distintivos de pares mínimos, ou seja, quando dois sinais se diferem apenas por um de seus constituintes, permanecendo iguais os outros quatro.

Outro aspecto importante dos estudos linguísticos da Libras é a Morfologia. De acordo com definição apresentada por Quadros e Karnopp (2004), a Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras e dos sinais, bem como das regras que determinam sua formação. No campo morfológico, existem os morfemas, que são as unidades mínimas de significado. Assim como nas línguas orais, as línguas de sinais também apresentam alguns tipos de morfemas, podendo ser livres ou presos, prefixais ou sufixais, derivacionais ou flexionais, como veremos mais detalhadamente na seção seguinte.

Aspectos morfológicos análogos entre Português e Libras

Vejamos agora, de forma comparativa, como estão estruturados os morfemas em língua portuguesa, para que assim possamos entender como estes são estruturados em Língua Brasileira de Sinais.

Dentro da morfologia podemos estudar os morfemas, que são “[...] a menor unidade linguística que possui ao mesmo tempo significante e significado” (VIOTTI,

2008)³. Nas línguas orais, como o Português, existem morfemas que por si só formam palavras, como por exemplo, a palavra ou o sinal *LUA*, tanto em Português quanto em Libras, não pode ser dividida(o) em unidades menores com significado, sendo assim chamada(o) de morfema livre. Por outro lado, existem palavras ou sinais que para serem formadas(os) precisam de mais de um morfema, que é o caso da palavra em língua portuguesa *PADEIRO*, composta de três morfemas, cada qual possuindo de um significado – *PAD-* local onde se vendem/fabricam pães, bolos, etc.; *-EIR-* aquele que trabalha com determinado objeto ou mercadoria; e *-O* que determina o gênero masculino e; o sinal *MÃE*, em Libras, composto pela combinação dos sinais *BÊNÇÃO* e *MULHER*, sendo estes, por sua vez, os morfemas presos (VIOTTI, 2008).

A autora nos afirma ainda que os morfemas presos podem ser classificados em prefixos e sufixos. Os prefixos são colocados antes de outros morfemas, por exemplo *a-* em *anormal*, *i-* em *imoral*, *des-* em *desnecessário*, dentre outros. Já os sufixos são colocados no fim de outro morfema como, *-or* em *investigador*, *-ista* em *jornalista*, *-(i)dade* em *maturidade* ou *espontaneidade*. Os morfemas aos quais são afixados os prefixos e os sufixos são chamados de radicais. Assim nos exemplos dados, *-norma-*, *-moral*, *necess-*, *investiga-*, *jornal-*, etc., são radicais.

Na língua portuguesa os sufixos se subdividem em dois tipos, os derivacionais que criam outras palavras e os flexionais que indicam relações gramaticais como masculino/ feminino, singular/ plural, tempo verbal, concordância de pessoa e número. Por sua vez, as línguas de sinais têm um comportamento morfológico distinto do das línguas orais, como o português. Por exemplo, percebe-se que nas línguas de sinais não há morfemas flexionais de tempos verbais, nem morfemas flexionais de gênero ou número para substantivos e adjetivos. Para autores como Quadros e Karnopp (2004), os verbos direcionais em Libras apresentam flexão de pessoa, pois a orientação da palma da mão, além de marcadores não manuais vão determinar quem é o sujeito ou o objeto da oração, assim como para Viotti (2008), ao afirmar que os

³ Viotti (2008) afirma que o signo linguístico compreende a palavra para as línguas orais e o sinal para as línguas de sinais. Ele é composto por um significante, isto é, uma imagem acústica ou ótica que nos vem à mente ao pronunciarmos ou vermos determinada palavra ou sinal e, por um significado, ou seja, os conceitos que atribuímos mentalmente a um determinado signo linguístico. Logo, o signo está intrinsecamente relacionado ao significado e ao significante.

pronomes nas línguas orais determinam diretamente as pessoas envolvidas no discurso.

Breve contextualização da criação do sistema Signwriting

Faremos agora uma breve contextualização da criação do sistema de escrita de sinais – *Signwriting*, para que a partir deste ponto possamos compreender mais claramente como se dá nossa análise morfológica e assim aplicá-la a este sistema. Ressaltamos ainda que existem vários outros sistemas de escrita de sinais e que também tem sua relevância aos estudos linguísticos.

Hábil notadora de movimentos, Valerie Sutton havia criado em 1972 um fantástico sistema para notação da dança chamado *DanceWriting*. Algum tempo depois, ela foi à Dinamarca ensiná-lo em uma escola de balé. Um jornal local publicou um artigo sobre esta escrita e isso chegou ao conhecimento dos pesquisadores da Língua de Sinais Dinamarquesa da Universidade de Copenhague, os quais estavam em busca de uma forma de escrever essa língua. Assim, solicitaram a Sutton que escrevesse as sinalizações – disponíveis em vídeo – de alguns surdos. Foi então que, adaptando seu sistema de escrita com o objetivo de escrever uma Língua de Sinais, nasceu em 1974 o *SignWriting*, um sistema específico para escrever as Línguas de Sinais (SUTTON, 1999a *apud* BARRETO, 2015, p. 70-71).

De acordo com Barreto (2015), as pesquisas da escrita de sinais pelo *Signwriting* iniciaram-se no Brasil em 1996 na PUC-RS⁴, em Porto Alegre, através do Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, que formou um grupo de trabalho no qual participaram as professoras doutoras Márcia de Borba e Marianne Rossi Stumpf, sendo esta última surda.

Em 2011, Madson e Raquel Barreto fundaram a editora Libras Escrita. Eles já estavam há algum tempo pesquisando a escrita das línguas de sinais, mas sentiam falta de publicações mais aprofundadas nesta área. Foi então que após organizarem todos os seus materiais de estudos, os autores publicaram o *Libras em Jogo* no mesmo ano e o livro “Escrita de Sinais sem Mistérios” em 2012. Também em 2012 publicaram a 2ª edição do *Libras em Jogo* e em 2015 a 2ª edição do livro “Escrita de Sinais sem Mistérios”, ainda mais detalhada e que levou a milhares de pessoas pelo

⁴ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Brasil, através de sua metodologia de ensino passo a passo, o conhecimento da escrita da língua de sinais com foco na Libras atualizado com as pesquisas mais recentes a nível internacional (BARRETO, 2015, p. 112-113).

Análise morfológica

A partir de agora, faremos a análise dos morfemas presos em Libras e veremos como eles se combinam para formar novos sinais. Destacamos que esse estudo será feito na perspectiva expressiva, ou seja, “quando é você quem está sinalizando, você vê os sinais de sua própria perspectiva” (BARRETO, 2015, p. 121), realizada por um sujeito destro. Analisaremos, então, três aspectos morfológicos, que compreendem respectivamente, a incorporação numérica, a reduplicação e a composição. Para explicarmos cada um desses processos, utilizaremos sinais da Libras escritos com base no sistema de escrita de sinais *Signwriting*, pois, segundo afirmam Barreto (2015; 2013; 2012) e Sutton (2003), esse sistema nos permite fazer transcrições, ler e escrever em qualquer língua de sinais de maneira direta e visual sem necessidade de se passar por uma língua oral ou fazer transcrições em glosas. Os autores salientam também que o alfabeto latino é utilizado para escrever línguas orais como inglês, português, francês e várias outras línguas orais e que o alfabeto de traços não arbitrários do *Signwriting*, internacionalmente convenicionado, é utilizado para registrar quaisquer línguas de sinais do mundo.

Além do exposto até aqui, também concordamos com Capovilla et al (2006), Quadros e Karnopp (2004), Sutton (2003) e Barreto (2015) que nos afirmam que o *Signwriting* como sistema de escrita é um sistema secundário baseado em um sistema primário de representação de informações que é a Língua Brasileira de Sinais, a Libras, e que através dele é possível fazer registros precisos das características tridimensionais presentes nas línguas de sinais, ou seja, seus parâmetros fonológicos, sendo eles as configurações de mão, a orientação da palma, a locação, os movimentos e as expressões não manuais, e sintáticos, como por exemplo a utilização do espaço de sinalização, os referenciais dêiticos e anafóricos. Logo, o *Signwriting* nos permite escrever em sinais tudo aquilo que desejarmos, independentemente do tipo ou nível de texto proposto.

A partir das próximas seções, veremos em que consistem os três aspectos morfológicos presentes no processo de formação de sinais da Libras, objeto de nossa pesquisa, e como aplicamos tais aspectos à escrita de sinais nos utilizando do sistema *Signwriting*. Salientamos que optamos em fazer uso do sistema de transcrição proposto por Felipe e Monteiro (2007), para efeitos de simplificação e melhor compreensão em língua portuguesa e que, além disso, também utilizamos um programa *online* de edição de sinais em escrita de sinais, o *Signpuddle*, para a apresentação dos sinais aqui analisados.

1. Incorporação numérica

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a incorporação numérica é um processo comum que acontece na Língua Brasileira de Sinais, e que consiste na produção simultânea de dois morfemas para a formação de um novo sinal. Segundo as autoras, esse processo respeita um limite que vai de um a quatro, e que, a partir do número cinco em diante, faz-se necessário que o sinal seja articulado separadamente. Vejamos, na figura 1, a composição do sinal 1-HORA em Libras. Este sinal é feito com a mão direita fechada e dedo indicador estendido, palma da mão voltada para trás, fazendo um movimento circular do pulso e passando a ponta do dedo indicador, sem tocar o rosto, ao logo de sua circunferência, remetendo, assim, a um relógio de parede:

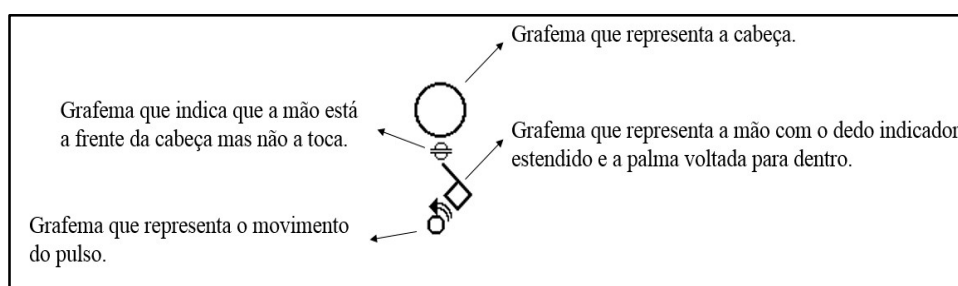


Figura 1: explicação de cada um dos grafemas que compõem a escrita do sinal 1-HORA em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

Na figura 2, podemos observar que para formar os sinais 1-HORA, 2-HORAS, 3-HORAS e 4-HORAS, houve a modificação da configuração de mão de um para dois, três e quatro, permanecendo iguais a locação, o movimento e a expressão não

manual. Porém, para a formação do sinal HORA 5 se fez necessário o uso de dois sinais, respectivamente, HORA + 5. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 108)

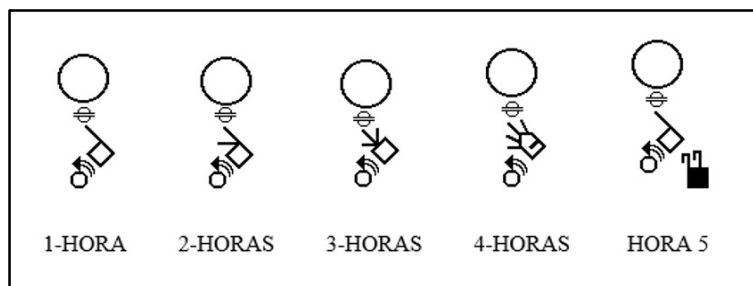


Figura 2: Incorporação numérica de um a quatro realizada no sinal HORA e o sinal HORA 5.
Fonte: elaborada pelo autor.

A figura 3 ilustra uma das variações em Língua Brasileira de Sinais para o sinal DIA. Este sinal é feito com a mão direita fechada e dedo indicador estendido, palma da mão volta para a esquerda, tocando a ponta do dedo na lateral direita da testa, projetando a mão para a frente e direcionando a palma da mão também para a frente.

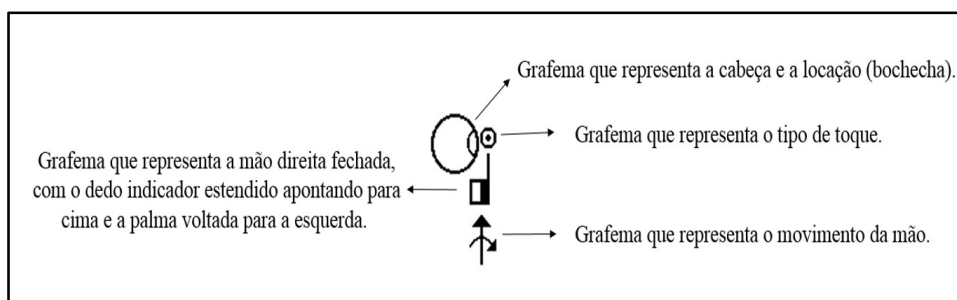


Figura 3: Explicação de cada um dos grafemas que compõem a escrita do sinal DIA.
Fonte: elaborada pelo autor.

Na figura 4, podemos perceber que o mesmo processo que ocorre com os sinais representados na figura 2 também acontece com os sinais de 1-DIA, 2-DIAS, 3-DIAS, 4-DIAS e DIA 5:

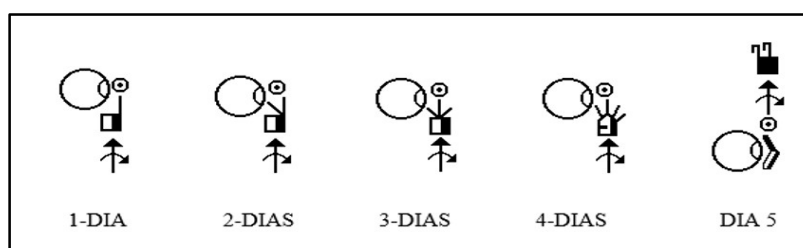


Figura 4: Incorporação numérica de um a quatro realizada no sinal DIA e o sinal DIA 5.
Fonte: elaborada pelo autor.

Na figura 5, temos a representação escrita de uma das variações em Libras para o sinal SEMANA. Este sinal é feito com as duas mãos fechadas e dedos indicadores estendidos, posicionadas opostas uma a outra no espaço neutro à frente do corpo, com as palmas voltadas para trás e pontas dos dedos bem próximas. A mão direita é projetada para frente, enquanto que a esquerda permanece parada:

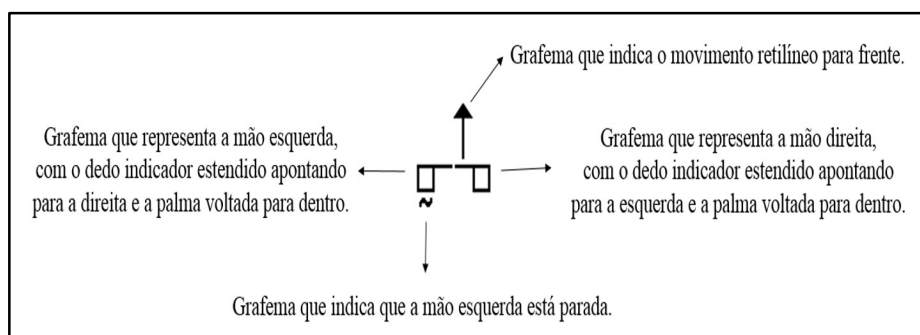


Figura 5: Explicação de cada um dos grafemas que compõem a escrita do sinal SEMANA em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

Da mesma forma como observado nas figuras 2 e 4, percebemos que o mesmo comportamento na produção dos sinais 1-SEMANA, 2-SEMANAS, 3-SEMANAS 4-SEMANAS e SEMANA 5 também acontece na figura 6:

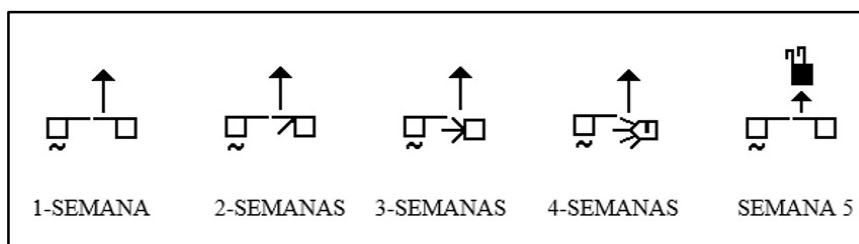


Figura 6: Incorporação numérica de um a quatro realizada no sinal SEMANA e o sinal SEMANA 5.
Fonte: elaborada pelo autor.

2. Reduplicação

A reduplicação é um processo morfológico em que há a repetição de movimentos, ou seja, repete-se um morfema base e tem-se um outro significado como produto. Nesse processo são adicionados morfemas a uma forma base, mudando o

movimento e mantendo a locação, configuração de mão e orientação da palma, criando assim um novo item lexical (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 100-101).

A seguir apresentaremos alguns sinais da Libras em que a mudança do parâmetro Movimento e/ou Orientação da Palma causa uma alteração o significado do sinal. Vejamos:



Figura 7: sinais DIA e TODO-DIA, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

No sinal DIA, a mão direita se configura fechada com o dedo indicador estendido, palma da mão voltada para trás, tocando a ponta do dedo na lateral direita da testa; a mão é projetada para frente com um movimento do antebraço mudando a orientação da palma também para frente. Já no sinal TODO-DIA, a mão direita mantém a mesma configuração, porém a palma agora está voltada para frente e há uma sequência de dois toques da ponta do dedo indicador na lateral direita da testa.



Figura 8: sinais ANO e MUITOS-ANOS, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

Para a produção do sinal ANO, as duas mãos se configuram fechadas, a direita sobreposta à esquerda, com as palmas opostas uma a outra. A mão direita faz um movimento circular para frente em torno da esquerda, que permanece parada, voltando ao seu ponto de origem. No sinal MUITOS-ANOS, as mãos continuam com a mesma configuração e locação do sinal ANO, sendo alterado apenas o movimento, que passa a ser de vaivém.



Figura 9: sinais CASA e MUITAS-CASAS, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal de CASA é feito com as duas mãos que se configuram da mesma forma, espalmadas com os dedos unidos, as palmas voltadas para a direita e para a esquerda, opostas uma a outra, no espaço neutro à frente do corpo e com dois toques nas palmas dos dedos. Para o sinal MUITAS-CASAS há uma alteração na quantidade de toques, de dois para três, e também um movimento alongado da esquerda para a direita do espaço neutro.

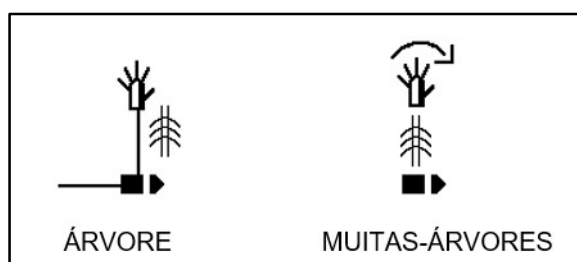


Figura 10: sinais ÁRVORE e MUITAS-ÁRVORES, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

Por fim, temos o sinal ÁRVORE, que é feito com a mão esquerda espalmada, dedos unidos com a palma voltada para baixo no espaço neutro à frente do corpo. A mão direita espalmada com os dedos separados, palma para a esquerda, cotovelo tocando o dorso da mão esquerda com movimentos trêmulos. Já para a execução do sinal MUITAS-ÁRVORES, há apenas a modificação do movimento, que passa a ser alongado em forma de semicírculo da esquerda para a direita.

3. Composição

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 103-106), o processo de composição tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais se dá de maneira semelhante: duas bases (palavras ou sinais) se unem para a formação de um terceiro significado. Na Libras se observam três regras para a composição de novos sinais: a regra do contato,

a regra da sequência única e a regra da antecipação da mão não dominante. Vejamos, agora, cada uma delas.

3.1. Regra do contato

Quando nos utilizamos de dois sinais distintos para a formação de um terceiro significado, o contato de um dos dois é omitido, enquanto que o outro permanece, por exemplo:

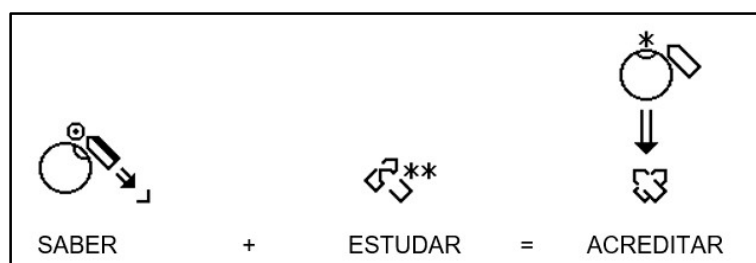


Figura 11: composição do sinal ACREDITAR, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

Na formação do sinal ACREDITAR (mão esquerda espalmada, dedos unidos, palma para cima, parada no espaço neutro à frente do corpo; mão direita espalmada, dedos unidos, palma para trás, tocando a ponta dos dedos no meio da testa; a mão direita é movimentada para baixo, tocando seu dorso na palma da mão esquerda), o sinal SABER (mão direita espalmada, dedos unidos, palma voltada para a esquerda, tocando a ponta dos dedos na lateral da testa; com um movimento de escovar, a mão direita é deslocada da testa e para fechada no espaço lateral na mesma altura) sofre uma mudança no seu tipo de contato, de escovar para tocar e de movimento, de flexão da articulação dos dedos para uma movimentação mais direta e não flexionada, e o sinal ESTUDAR (mãos espalmadas, palmas para cima, posicionadas no espaço neutro à frente do corpo; mão direita sobreposta a mão esquerda; mão direita toca duas vezes seu dorso na palma da mão esquerda) perde um de seus toques.



Figura 12: composição do sinal ESCOLA, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal ESCOLA (mãos espalmadas, dedos unidos, palmas opostas uma a outra, posicionadas no espaço neutro à frente do corpo, tocando as pontas dos dedos, movimentam-se para baixo, mudando a direção das palmas das mãos para cima; a mão direita se sobrepõe à esquerda e toca seu dorso na palma da mão esquerda) é feito pela junção dos sinais CASA⁵ e ESTUDAR⁶, na qual ambos perdem um de seus toques.

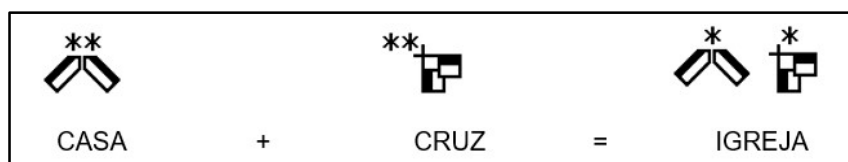


Figura 13: composição do sinal IGREJA, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal de IGREJA (mãos espalmadas, dedos unidos, palmas opostas uma a outra, posicionadas no espaço neutro à frente do corpo, tocando as pontas dos dedos; as mãos se separam e se fecham, deixando apenas os dedos indicadores estendidos; a mão esquerda permanece parada com a palma voltada para a direita e o dedo indicador apontando para cima; a mão direita tem sua palma direcionada para baixo e a lateral interna do indicador direito toca a lateral externa do indicador esquerdo, formando assim uma cruz) segue o mesmo padrão do sinal ESCOLA⁷. Ele é composto pelos sinais CASA⁸ e CRUZ (na figura 17, os asteriscos indicam a quantidade de toques dos sinais), e ambos perdem um de seus toques.

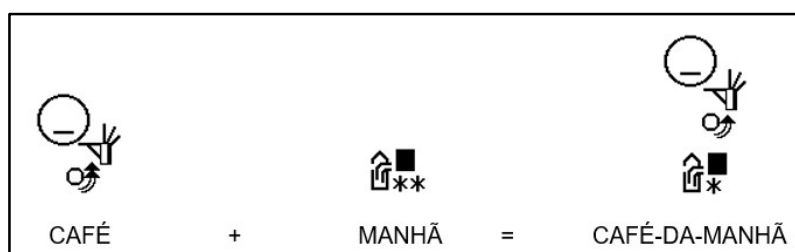


Figura 14: composição do sinal CAFÉ-DA-MANHÃ, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

⁵ Ver explicação da figura 9.

⁶ Ver explicação da figura 11.

⁷ Ver explicação da figura 12.

⁸ Ver explicação da figura 9.

Já o sinal CAFÉ-DA-MANHÃ é feito pela junção dos sinais CAFÉ (mão direita aberta, dedos estendidos, permanecendo unidos pelas pontas os dedos indicador e polegar, palma voltada para a esquerda, posicionando a ponta dos dedos unidos próxima a lateral direita da boca, realizando dois movimentos semicirculares do pulso para frente) e MANHÃ (mão esquerda espalmada, dedos unidos, palma voltada para cima, posicionada parada no espaço neutro à frente do corpo; mão direita fechada, dedos indicador e médio flexionados, palma para baixo e dedos direcionados para a esquerda; a ponta dos dedos da mão direita tocam duas vezes a palma da mão esquerda), na qual o primeiro perde um movimento de pulso e o segundo perde um toque.

3.2. Regra da sequência única

Ocorre quando dois sinais se juntam para a formação de um terceiro sinal e o toque/ movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada. Vejamos:

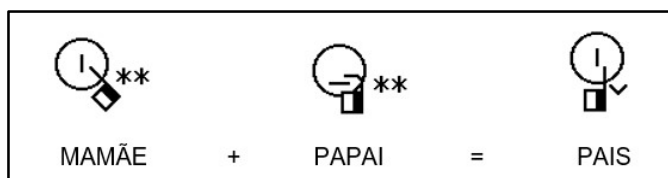


Figura 15: composição do sinal PAIS, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal PAIS é composto pela variação dos sinais MAMÃE (mão direita fechada, dedo indicador estendido, palma voltada para a esquerda, tocar duas vezes a ponta do dedo indicador na lateral direita do nariz) e PAPAI (mão direita fechada, dedo indicador flexionado, palma voltada para a esquerda, tocar duas vezes a lateral externa do dedo indicador na região entre o nariz e o lábio superior) utilizados no sul do país, em que ambos perdem a repetição do toque e passam a ter apenas um movimento sequencial, que consiste em tocar a ponta do dedo estendido na lateral do nariz e flexionando-o ao tocar na região entre o nariz e o lábio superior.

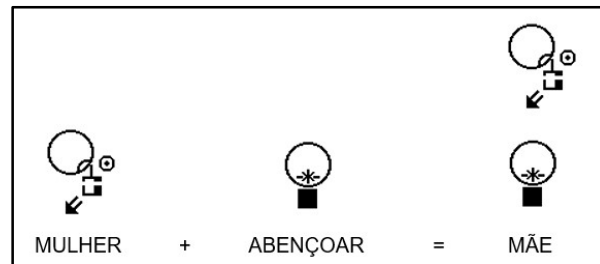


Figura 16: composição do sinal MÃE, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

No sinal MÃE, temos a combinação dos sinais MULHER (mão direita fechada, dedo polegar estendido, palma voltada para a esquerda, deslizar duas vezes a palma do dedo polegar na bochecha direita com movimento para frente) e ABENÇOAR (mão direita fechada, palma para frente, beijar o dorso da mão) em sequência, na qual o primeiro sinal perde um de seus movimentos.

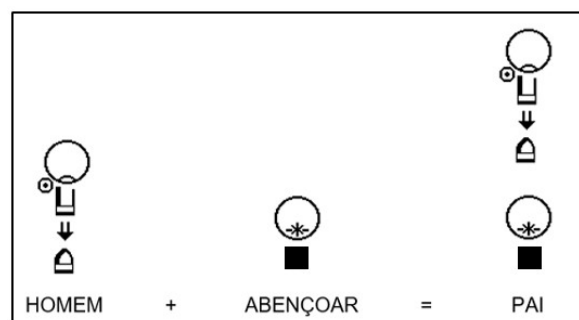


Figura 17: composição do sinal PAI, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal PAI segue o mesmo processo do sinal MÃE. Ele é composto pelos sinais HOMEM (mão direita semiaberta em forma de concha, dedos unidos permanecendo separado somente o dedo polegar com a palma voltada para cima; deslizar as palmas dos dedos pelo queixo duas vezes unindo-as logo abaixo dele, representando assim, a barba de um homem) e ABENÇOAR⁹ em sequência, na qual o primeiro sinal perde um de seus movimentos.

⁹ Ver a explicação da figura 16.

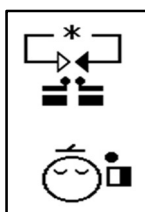


Figura 18: composição do sinal QUARTO, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal QUARTO é composto pelos sinais SALA (mãos fechadas, palmas para baixo, posicionadas no espaço neutro à frente do corpo; dedos indicadores estendidos e apontando para baixo; tocar as pontas dos indicadores e desenhar no ar um quadrado, visto de cima para baixo, começando o movimento pela frente, separando os dedos e unindo-os novamente atrás) e DORMIR (fechar a mão direita, posicionando a palma para a esquerda, trazendo-a para lateral direita do rosto próxima do olho; fechar os olhos e inclinar a cabeça para a direita), também feitos em apenas uma sequência de um movimento.

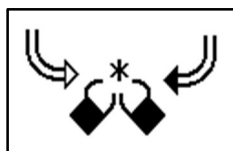


Figura 19: composição do sinal COMPOSIÇÃO, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal COMPOSIÇÃO é formado pelos sinais PALAVRA e PALAVRA (mãos fechadas, palmas para frente, posicionadas no espaço neutro à frente do corpo, dedos indicador e polegar separados e flexionados; mover as mãos em semicírculo, de cima para baixo e tocar as laterais dos dedos polegares) feito, simultaneamente, com as duas mãos que se unem a frente do corpo do sinalizador.

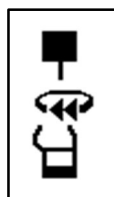


Figura 20: composição do sinal DERIVAÇÃO, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal DERIVAÇÃO é composto pelos sinais PALAVRA¹ (porém com a palma da mão esquerda voltada para cima) e MUDAR (mão direita fechada, dedo polegar estendido apontando para baixo e palma voltada para frente; mover o polegar em círculos, duas vezes, entre os dedos flexionados da mão esquerda), feito no espaço neutro e indicando que mudanças acontecem em uma determinada palavra.

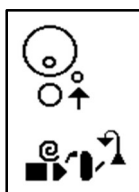


Figura 21: composição do sinal BOA-NOITE, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal BOA-NOITE é composto pelos sinais BOM/BOA (mão direita fechada em forma de círculo com os dedos unidos pelas pontas, palma voltada para trás, posicionada na frente da boca; abrir a mão, separando e estendendo os dedos, movendo-a na diagonal para frente, levemente de cima para baixo) e NOITE (mão esquerda espalmada, dedos unidos apontando para a direita e a palma direcionada para baixo, parada no espaço neutro à frente do corpo; mão direita semiaberta em forma de concha, dedos unidos, palma para baixo; deslizar a palma da mão direita sobre o dorso da mão esquerda, encobrendo-a, começando do dedo polegar até o dedo mínimo).

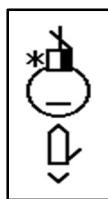


Figura 22: composição do sinal ALMOÇAR, em Libras.
Fonte: elaborada pelo autor.

O sinal ALMOÇAR é formado pelos sinais COMER (mão direita espalmada, dedos unidos, palma voltada para trás, posicionada a frente da boca, flexionando duas vezes os dedos na articulação da mão) e MEIO-DIA (mão direita fechada, palma para a esquerda, dedos indicador e médio estendidos e cruzados; tocar a lateral interna da

¹ Ver a explicação da figura 19.

mão duas vezes no meio da testa), que perdem um movimento de flexão e um toque, respectivamente.

3.3. Regra da antecipação da mão não dominante

Acontece quando dois sinais se juntam na produção de um terceiro sinal e a mão não-dominante ou mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal durante o processo de composição. Observemos os exemplos:

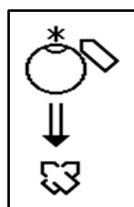


Figura 23: explicação da antecipação da mão não-dominante na composição do sinal ACREDITAR, em Libras.

Fonte: elaborada pelo autor.

Em ACREDITAR¹, a mão esquerda fica parada no ar, espalmada com os dedos unidos e a palma voltada para cima esperando pelo toque do dorso da mão direita, que sai da testa, sequencialmente.



Figura 24: explicação da antecipação da mão não-dominante na composição do sinal ACIDENTE-DE-CARRO, em Libras.

Fonte: elaborada pelo autor.

Em ACIDENTE-DE-CARRO (mão esquerda espalmada, dedos unidos e apontando para frente, palma voltada para a direita, posicionada no espaço neutro à frente do corpo; mão direita espalmada, dedos unidos e apontando para a esquerda, palma direcionada para baixo, distante da mão esquerda; aproximar a mão direita tocando a ponta dos dedos com uma leve pressão na palma da mão direita, flexionando-os, representando assim um carro que é amassado devido ao impacto de

¹ Ver explicação na figura 11.

uma batida), a mão esquerda fica parada no espaço neutro à frente do corpo do sinalizador, à espera da ação que é feita com a mão direita.

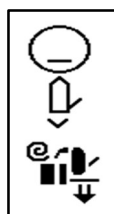


Figura 25: explicação da antecipação da mão não-dominante na composição do sinal JANTAR, em Libras.

Fonte: elaborada pelo autor.

Em JANTAR, temos a combinação dos sinais COMER¹ e NOITE². A mão esquerda fica fechada no espaço neutro à frente do corpo esperando pela ação que é feita pela mão direita.



Figura 26: antecipação da mão não-dominante na composição do sinal CUIDAR, em Libras.

Fonte: elaborada pelo autor.



Figura 27: antecipação da mão não-dominante na composição do sinal AJUDAR, em Libras.

Fonte: elaborada pelo autor.

Em CUIDAR (mão esquerda fechada, palma para baixo, posicionada no espaço neutro à frente do corpo; mão direita fechada, dedos indicador e médio estendidos e separados apontando para cima e palma voltada para frente; tocar o pulso da mão direita duas vezes no dorso da mão esquerda) e AJUDAR (mão esquerda fechada, palma para baixo, posicionada no espaço neutro à frente do corpo; mão direita espalmada, dedos unidos apontando para cima e palma voltada para frente; tocar o pulso da mão direita duas vezes no dorso da mão esquerda) a mão que serve de apoio (esquerda) fica parada à frente do corpo do sinalizador esperando pelo contato da mão ativa (direita).

¹ Ver explicação na figura 22.

² Ver explicação na figura 21.

Considerações Finais

Conforme exposto na introdução, este trabalho teve por objetivo fazer uma análise de três dos aspectos morfológicos da Libras, sendo eles a incorporação numérica, a reduplicação e a composição, e sua aplicabilidade à escrita da língua de sinais pelo sistema *SignWriting*.

Ao estudarmos as características morfológicas da língua portuguesa, ficou mais fácil compreendermos de maneira comparativa como se estruturam morfológicamente tais aspectos da Libras. Fez-se necessário também relatar brevemente a criação do sistema *Signwriting*, na Dinamarca, por Valerie Sutton, até chegarmos na referência atual, no Brasil, por Madson e Raquel Barreto. Após esta contextualização pudemos embasar nossa pesquisa utilizando o sistema mencionado, já que este deixa mais clara a compreensão dos leitores em relação aos sinais analisados, pois sabemos que muitas vezes pesquisas que mostram apenas glosas ou ilustrações/desenhos não são de fácil entendimento para aqueles que não sabem Libras.

Acreditamos ainda que este trabalho traz colaborações para as pesquisas linguísticas na área dos estudos morfológicos da Libras, além de contribuições valiosas para a comunidade surda brasileira, pois objetiva detalhar cada vez mais esta língua que ainda possui poucas pesquisas no nível analisado neste trabalho. Sabemos que as investigações não param por aqui, pois ainda há muito que se pesquisar, analisar e investigar nesta área. Por isso, deixamos este trabalho em aberto para novas contribuições e melhorias que tragam avanços significativos para os estudos surdos.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, M. *Escrita de sinais sem mistérios*. Madson Barreto, Raquel Barreto. 2. ed. rev. atual. e ampl. – Salvador, v. 1: Libras Escrita, 2015.
- _____. *Escrita de sinais sem mistérios*. Madson Barreto, Raquel Barreto. – Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, v.5, p. 1-19, 1974;
- CAPOVILLA, F. C.; RAFAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua de Sinais brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1: Sinais de A a H*. 3. ed. rev. e ampl.,

1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc, 2015.

_____. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua de Sinais brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 2: Sinais de I a Z.* 3. ed. rev. e ampl., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc, 2015.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na Libras. In: *ETD - Educação Temática Digital* 7 (2006), 2, p. 200-217. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>, Acesso em: 2 mar. 2018.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *Libras em contexto: curso básico: livro do professor.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 6ª ed. 2007.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995;

FINAU, R. A.; MAZZUCHETTI, V. A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015. Disponível em: <<http://revel.inf.br/files/13e0a7830cf5d13dc8944a087c967423.pdf>> Acesso em: 2 mar. 2018.

KARNOPP, L. B. *Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda.* Porto Alegre: Tese de Doutorado, PUCRS, 1999.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua Brasileira de Sinais: Estudos linguísticos.* Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 81-126.

STOKOE, W. C. *Sign language structure.* Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978.

SUTTON, V. *SignWriting: As línguas gestuais são línguas escritas: Manual 1: Noções básicas sobre SignWriting.* Valerie Sutton. ISBN: 978-0-914336-94-5. Primeira Edição. Center for Sutton Movement Writing, Inc. USA, 2009. Disponível em: <www.signwriting.org/lessons>. Acesso em 2 mar. 2018.

_____. *Lições sobre SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais.* Valerie Sutton. Trad.: Marianne Rossi Stumpf. Col.: Antônio Carlos da Rocha Costa, RoniceMüller de Quadros. Deaf Action Committee for SignWriting: ProjetoSignNet: CNPq: ProTeM: UCPel: PUCRS: ULBRA. s/d. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>> Acesso em: 2 mar. 2018.

VIOTTI, E. C. *Introdução aos Estudos Linguísticos.* Florianópolis: UFSC, 2008, p. 52-56. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXT0_BASE_-_VERSAO_REVISADA.pdf> Acesso em: 2 mar. 2018.

Recebido em: 16/05/2020

Aceito em: 10/08/2020